



O Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVII—N.º 422—Preço 1\$00
14 DE MAIO DE 1960

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: *Padre Américo*

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Há dois meses, escrevi aqui da triste e desumana situação, em que Ordins se encontra, por não ter um fontenário. Chamei, então, à nossa fonte «uma cisterna quadrangular». Poderia ter ido mais longe e ser chamado outro nome, por se «rentar ao chão, descoberta (...) para onde correm as águas pluviais, arrastando a lama e tudo o que encontram». Mais adiante continuava, dizendo que, quando fechada a represa contígua, as águas desta «invadem a cisterna. Cobrem-na. E' tudo agora um lençol da água suja, onde sobrenadam, na espuma-

lha nojenta, palhas, papeis. No lodo, há, ainda, estrume dos bovinos da véspera que, a pouca e pouca, se vai delindo» e inquinando a água da fonte.

A fonte é, como se vê, um desafio contínuo à vida de quemquer, nomeadamente

das crianças. Ora se a cisterna, fosse particular já as autoridades a teriam mandado tapar, invocando as leis e pesando a multa. E' que estava em causa a vida dos cidadãos. E as leis são para cumprir. E pelas leis, desrespeitadas vem a multa, a prisão. Tudo muito bem. Mas, meu Deus, por ser pública, deixarão de ter força as leis ou já se lhe não aplicarão? Ninguém defenderá a vida pública, a saúde pública em Ordins? Ninguém se apressa? Pois saibam todos que caiu na cisterna, que em Ordins vem servindo de fonte, uma criancinha e lá morreu afogada. Foi no domingo de Ramos último. Nunca a ninguém de Ordins esquecerá o facto, que fez revoltar os humildes. A fonte, repito, é, como se vê, um desafio contínuo à vida de quemquer, nomeadamente das crianças. Até quando se permitirá uma tal coisa? Até quando andará inquieto o coração das mães, quando, junto de si, não vêem os filhos pequeninos? E tudo tão simples: levantando as paredes do reservatório, já não entrariam as águas imundas da represa contígua. Depois instalasse-se uma bomba e, assim, já nem seria mais cloaca, nem fonte de morte.

Mas isto não deixará de ser um remedeio, enquanto não surgirem em Ordins diversos fontenários para uma população que anda pelos 100 fogos. Se foi com júbilo que se iniciaram em Ordins há dois anos as obras de pesquisa e exploração de água para um fontenário público, foi igualmente, com grande mágoa, que todos vimos suspender os trabalhos, quando tanta água havia já explorada. Aguardamos que nos façam justiça. Oxalá não venha tarde demais.

Le Amis

Fonte da morte em Ordins

FACETAS DE UMA VIDA

A carta é de Setembro de 1925. Traz uma nota logo no princípio: «Esta é para ler em casa, com vagar».

E' deste modo que eu convido os nossos leitores a lerem esta carta preciosa que, de tão longa, tem de ser publicada em vários números. Mais lhes recomendo que guardem muito guardadinhos todos os números em que ela sair, para no fim refazerem uma leitura do conjunto.

Como esta, outras cartas serão publicadas depois, se Deus quiser. Eu não digo que sejam monumentos de Doutrina, posto a forma tão catequética, tão acessível, em que Pai Américo já se mostra mestre.

Mas fazem prova irrefutável de um grande coração. E mais. Provam que o verdadeiro amor do próximo é aquele movimento interior que leva a dar-lhe o melhor que nós temos para dar.

Ora que melhor tinha Pai Américo para dar a um Amigo tão experimentado em sua amizade? «Que poderei fazer para lhe mostrar que procuro retribuir na medida do possível?»

E' ele mesmo quem responde: «Desejar que V. disfrute da paz e bem que hoje disfruto (...) Eu desejaria que V. fosse cristão (...)»

Posso agora ser um bocadinho indiscreto e voar por sobre os anos que vão de 25 a 56.

Aquele desejo sobrenatural, o melhor que o sobrenatural Américo (já então!) tinha com que retribuir a amizade profunda e sincera do seu Amigo, só após a morte se tornou realidade.

E' assim o mistério da Graça: Nem a palavra nem a presença, ao longo de 27 anos de sacerdócio pleno de bons frutos, puderam o que pôde a sua morte.

Morrer um testemunho do Evangelho: «Se a semente não errar...»

E não deixa de ser também um dos princípios que cabe no augúrio de Pai Américo: «Quando eu morrer, começa...»

★

Setembro de 1925

(esta é para ler em casa, com vagar)

S.,

Em fins de 22 numa rua de L. Marques, abeirou-se de mim um sujeito e disse: consta-me que v. tem um telegrama do N. a pedir para ir para o Funchal. Tenho, sim, mas ando a pensar no caso. E ele disse com voz tremida: Vá, com o N. vai-se para toda a parte. E chorou! Este facto veio-me à mente quando lia a sua de 10/7 do Gerez, recebida dois dias após a agradável visita, e chorei! Como v. é amigo dos amigos, S.! O que v. fez para me visitar, apesar de eu lhe haver posto todos os entraves para poupar a massada. Nem Pais nem irmãos, nem esposas, nem filhos, nem amigos, NINGUEM é capaz de amar como v. ama. Ninguém sabe

corresponder à sua amizade! Como são verdadeiramente infelizes os que, conhecendo-o, não sabem apreciar.

Que poderei fazer para lhe mostrar que procuro retribuir na medida do possível? Desejar que v. participe da paz e bem que hoje disfruto, visto não ser isto dom reservado para mim só. Eu desejaria que v. fosse cristão e para isso vamos tentar um leve estudo prático e racional visto eu não saber ainda dizer nem v. compreender, as coisas transcendentes de tão delicada matéria.

Naturalmente, para sermos bons cristãos, é necessário em primeiro lugar haver uma consciência delicada e depois conhecer a história do cristianismo. Ora como o que se não pode comprar v. tem de casa, facilmente

continua na página três

Santo Atanásio!

A manhã juntou-nos ao pé do altar.

Se eu pudesse escolher, este dia era o da minha festa. Resistiria á comemoração de qualquer aniversário para que avultasse este, do nascimento sacerdotal.

Nenhum menos meu e não há outro que se lhe iguale em conteúdo. «Habemus thesaurum istum in vasis fictilibus...» Permanecemos o que éramos: vasos quebradiços. E Deus aceita-nos e toma-nos para guardar «este tesouro», que é «resplandecê-lo em nossos corações, afim de O tornarmos conhecido dando a conhecer Cristo Jesus». E' uma transfiguração que se sobrepõe à natureza, «ut sublimitas sit virtutis Dei...» Para que todos vejamos que realidade tão sublime não provém de nós, mas acontece em nós pelo poder de Deus.

A graça do Sacramento da Ordem constituiu-nos «servos, por amor de Jesus». «Muitas mortes há que operar em nós (...), para que a Vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal (...) e cresça naqueles de quem somos servos».

E' por isso que eu amo muito o dia da minha Ordenação Sacerdotal e o escolheria, entre todas as datas, para dia da minha festa.

E' que esse dia, agora já não é meu mas daqueles a quem sirvo, por amor de Jesus. A minha festa também me não pertence. E' deles. E' nossa. Nenhuma outra data permitirá jamais igual comunicação de bens, para que eu possa querer-lhe como a esta.

Festa de Santo Atanásio, o grande Doutor da divindade de Deus. Perseguido, mortificado em vida, desde Diácono a Bispo, por servir a Verdade. Que festa tão Sacerdotal! Tão de hoje! Tão de sempre!

Como poderíamos estar longe do Altar aquela manhã, ocorrendo para mais, o aniversário da sagração do nosso Bispo?! Por Ele, com Ele, a nossa oração familiar ganhou universalidade.

Começo estes maizes do Natal pra cá, com um bocadinho duma carta de alguém metido no «Mis-tério Augusto do Sofrimento», que me mandou vinte e cinco escudos e o pedido duma celebração.

«Eu própria sofro, não tenho senão o que me dão mas qui-sera dar, dar, dar constantemente para as mãos unidas e incan-sáveis dos Padres da Rua, e, por

Setúbal ÁFRICA

eles ao Senhor nos nossos irmãos Pobres».

Eu continuo como esta cristã: Deus seja bendito por tudo! Deus seja bendito!

Envolvidos tantas vezes nos laços complicados e apertados dos problemas dos nossos rapazes, às vezes, mesmo com medo do de-sânimo, faz-nos bem a comunica-ção dos nossos amigos. Sabemos que longe ou perto, na saúde ou na doença, na alegria e na tristeza temos milhares de santos em com-unhão connosco no Cristo vivo. E por isso, «eu quisera dar, dar, dar». Dê minha senhora da riqueza interior com que Deus lhe enche a alma e não tenha pena de não ter riquezas materiais para nos aju-dar.

Também nós, às vezes, carregados com grandes responsabili-dades materiais, desejaríamos ter apenas enriquecido o espírito com uma união perfeita e uma visão paralela à de Cristo Jesus.

E aí vai o que nos tem chegado nos passados quatro meses.

Na Câmara, mão escondida, com cinquenta. Andorinha cem e a sua bicada todos os meses. Lisboa um vale de cem. Um padre trouxe-nos 550\$00. Trinta cobertores dalguém que veio e fugiu para se esconder.

Assinante 29.908 mandou rou-pas e vinte. A. Lopes cem. Do Instituto N. do Trabalho 300\$00. M. M. do Porto, temos recebido a sua contribuição e os vinte para as amêndoas mensais. Deus lhe dê a sua graça como prémio.

Por uma das senhoras que nos remendam, sessenta. Duma amiga de Bragança 200\$00 e uma flanela. De algumas funcionárias do posto 56, duzentos. De Lisboa 1.500\$00 e o postal publicado no número anterior.

Temos na rua dos Ciprestes, em Setúbal, pessoa amiga que nos manda por mês 40\$00 por alma dum ente querido.

Visitas 200\$00; idem do mé-dico que nos analisa o sangue e mais quinhentos o mesmo, pelas mãos dum inocente. Um ami-go que nos diz pagar uma dívida: mil. Umas lentes prós meus óculos. Visitas cinquenta. Para as amên-doas da Páscoa cem de Vila Viçosa. De dois amigos vinte cada e cin-quenta para a missa de Quinta Fei-ra Santa.

Duma sra. amiga vinte por mês, amêndoas, roupas e brinquedos prós mais pequeninos, uma visita de saudade e quinhentos! Por seu intermédio mais cem e vinte pró Património.

N'«O Setubalense» setenta e boas fotos da nossa festa. Da quinta do Anjo tem continuado a vir mui-tos mimos: — Esmolas, intenções de missa, camisolas, grão, feijão e vi-nho e mais a visita duns noivos que no próprio dia do casamento vêm passar um bocadinho connosco, trazer-nos a sua alegria de noivado e fazer-nos objecto das suas dá-divas a Deus.

Uma alva muito branquinha e muito fina como prenda de anos. Bolos, flores, e muita festa. Que tudo nos eleve para Deus!

A Páscoa trouxe-nos uma en-chente de amêndoas. São os nos-sos amigos da cidade que se desa-fiam, se comprometem e vêm tra-zer. Também o seu carinho ajuda o nosso ambiente familiar. Mais vinte de amigos e mais dois mil com pedido de celebração pelos seus mortos. Cumprirei. Paris man-dou 50+50. Celebrei. Roupas e cal-

Trabalhosa tem sido esta ante-partida.

Eu já disse aqui de como espe-rávamos que nos dessem passa-gem em avião, para não sofrer-mos a demora do barco, ou ter-mos de escolher entre ele e uma «procissão» prá viagem. Pois está custoso. Inesperadamente custo-so.

Dentro das Provincias do Ul-tramar há interesse pela nossa visita e promessa de facilidades. O pior é até lá.

Ora, não é encarecer a nossa ida, repetir que, no seu modesto plano, ela presta serviços à Na-ção.

Pois não nos gastamos nós a transformar rapazes, que eram perigo, em proveitosos valores sociais? Não poderíamos entrar na banalidade do «sai aos tantos anos», em vez de assumirmos o encargo de os lançar na vida?

Enchem as nossas oito casas, a passar de 530 rapazes. «Para o ano — disse-me um deles há poucos dias — vamos quinze dar o nome». Só de Paço de Sousa. E é Miranda; e é Tojal; e Setúbal; e são os Lares! Os pais de famí-lia sabem como dobram os cui-dados quando os filhos estão cria-dos. Pois nós somo-lo, em gran-des dimensões. Daí o peso do encargo e a razão que nos assiste para invocarmos o bem da Na-ção a respeito desta nossa viagem. E ainda não é tudo. Nós vamos de visita a muitos amigos que por lá labutam, com quem travamos diálogo através de «O Gaiato». Vamos levar-lhes uma palavra viva de Pai Américo e da sua Obra, que não é outra senão do Evangelho. E esta mensagem vale como laço simpático e cristão que aperta mais em sentimentos de Caridade, de Justiça e de Paz, os portugueses de aquém e além mar. E' uma jornada de portu-galização, adentro dos limites universais que a Caridade esta-belece, ordenando aos homens que se amem mutuamente. Mas o preceito é expresso: «amar o próximo»... E como lá e cá muitos factores nos constituem próximos uns para os outros, aí temos de como este nosso ir representa um estreitar de laços entre os membros da Família Portuguesa.

Ora nós não podemos perder tempo que a caminhada é longa e cá poucos os obreiros para que qualquer deles abandone por muito tempo a vinha. Pre-cisávamos de ir pelo ar, que é mais depressa. Vamos de Portu-gal a Portugal.

Eu espero que não me deixem sofrer a vergonha de mendigar a uma companhia estrangeira que nos leve nas suas asas por sobre terras estranhas, para chegarmos às nossas.

çado de muita gente. Da Cecil tínhamos recebido cem sacos de cimento prá escola nova e agora insistimos mais e a Cecil deu-nos mais 250 sacos.

Soubemos que a Cecil atenta aos problemas sociais, dá-lhes todo o seu apoio. Pobre que bata à porta da Cecil é Pobre que é atendido.



Embalados pela ventura de dias e situação apra-zíveis, nem sequer suspeitamos que haja almas em brasa, encerradas em corpos e antros que dilaceram vidas. Talvez o saibamos, mas por narrações a que andamos habitualmente indiferentes. O mundo está bem cheio de contrastes. Ele há dramas punjentes em que seríamos menos fortes do que as vítimas que os suportam, se para eles houvéramos sido designados pelo Alto. Caiamos, pois, de joelhos diante dos mártires e heróis do sofri-mento.

O marido falta-lhe. A miséria sobrevem. A doença prosta-a e obriga-a a recolher-se ao hospital. Ali a ciência confessa-se incapaz. Dois anos contra-natura dizem toda a gravidade do mal incurável. Por um saem fezes, por outro o organismo a desfazer-se.

— Pode sair. — E sai. Que remédio... Vai para Gaia, terra natal e enfia-se num canto de ilha de pobreza. Não tem casa, nem lha ofertam, que o mau odor torna-a incómoda para quem quer que seja. Entretanto, filho amigo, em barraca diminuta e sem aposentos, sofre e perturba-se. Duas crianças saltam do berço para a cama dos pais e nele deita-se a pobre e doente avó. Esta em tão curto leito enrola-se toda para caber. E naquele compartimento são agora cinco moradores em duas camas contíguas.

Quando chego, oiço gemidos.

— Tem dores?

— Muitas. Tantas que me entonteiam. Ele recei-taram-me medicamentos, mas falta com que os aviar. Por isso custa-me viver assim amargurada.

Fico sem fala. Tanto que se esbanja e se desper-diça em futilidades — penso comigo, — e esta doente precisa de narcóticos para alívio e não pode adquiri-los!

Meto-a na Opel e levo-a para o Calvário. Desde a véspera uma nova casa encontra-se disponível. Vai ter estreada. E' moradia destinada precisamente a este género de doentes, os mais de todos. Aqueles que cons-tituem a nossa maior riqueza. Por isso tanto lhes quere-mos! Os mártires do sofrimento lento, mas por vezes atroz. Com eles em casa nada falta. Não há lugar para temeridades. Quando algo é preciso, nada, absoluta-mente nada falta. O Senhor providencia em prol dos Seus.

Nessa mesma tarde, senhora de Gaia viúva, vem ao Calvário. Traz consigo promessa a cumprir. Quer valorizar o sofrimento próprio e de entes queridos. Con-to-lhe a história da conterrânea. Digo-lhe a amargura da doente cancerosa que nesse dia arrancara duma ilha.

A resposta é pronta.

— A casa hoje estreada há-de ser minha. Cha-me-lhe «Por tanto sofrer». Tome sessenta contos.

Andamos afeitos a ser sempre assim. Por isso este gesto não nos surpreende em nada. Traz-nos de novo a certeza de que o Senhor vela. Dá-nos a alegria de ver o Senhor a velar carinhosamente e no momento exacto pelos seus doentes.

O problema financeiro nunca é embaraço nas Obras de Deus. Nem se começa por resolvê-lo. Seria andar às avessas, tal como faz o mundo e quantos dele são. O dinheiro vem no momento próprio e quanto for preciso, se preciso for.

Antes de mais, vai-se pelos caminhos, em demanda dos nossos irmãos que sofrem. Pega-se neles. Bei-jam-se-lhes as chagas, olha-se para o Alto, que lá se encon-tra o Pobre que dignifica os Pobres e levam-se os caídos para casa. O resto vem por acréscimo. Nem duvides, que o Calvário não te permite duvidar; mas crê na palavra eterna que é Cristo. E olha que há mais caídos do que supomos!

Adriana Bayeuta

Não há outro meio mais eficiente e seguro para a educação destes rapazes que o trabalho, a ocupação útil. Aos mais pequenos não há nada que tanto os distraia, aos maiores nada que tão bem lhes faça. Se pudéssemos chamar segredo à pedagogia de Pai Américo diríamos que está aqui a chave. O último que cá entrou, passados os três dias de aclimação, veio dizer-me no recreio do almoço: Hoje já trabalhei. Aquela alegria natural, aquela satisfação espontânea que brota duma criança de dez anos, ao dizer isto, confirma pela base a necessidade de se ocupar racionalmente a gente da rua. E pensarmos nós que há cadeias onde os presos passam o dia agarrados às grades e asilos e casas de educação com a portaria e a secretaria, ...e os corredores enormes, com muita gente lá dentro de braços cruzados! Tudo a apodrecer para a sociedade. E quem quiser ver como eu tenho visto, apalpa essa pena.

Há dias fui dar a uma esquadra, num dos sítios piores da capital — a Mouraria. E por nada! Levava dois rapazes à minha beira na furgoneta (gosto tanto de os trazer à minha beira, para os sentir melhor no coração) e o sr. agente da Polícia mandou parar. Tirou o rapaz de ao pé de mim, porque ia fora do assento e mudou para traz onde não ia banco nenhum. Francamente que me custou. E depois os duzentos dele... Deus oiça sempre a quem me ouviu. Adiante. Naquela esquadra estava uma mulher apanhada fora de lei. Que de imprecações e esforços desesperados ela fazia para fugir! Que o diga o guarda que teve de mudar de roupa no final da refrega. Foi-se a ver o registo dela e da última prisão foram cento e vinte dias. Desta vez não sei quanto será, mas o que é certo o castigo não a melhorou, porque certamente enquanto na cadeia não fez nada nem tampouco lhe fizeram nada. E deste modo o que devia produzir bom efeito é contraproducente. A nossa Casa do Gaiato pra nada prestaria se não ensinasse a trabalhar. Não há aqui outra lei, nem outro conselho e por isso também não é preciso portaria nem secretaria nem mais nada que uma casa, quinta e oficinas e cada um no seu lugar. O trabalho, seja ele um divertimento para os mais pequenos, seja uma coisa que custa para os mais velhos, a cada um

Muitas e muitas casas têm sido construídas em Setúbal com o auxílio da Cecil. Sabemos do equilíbrio com que resolve problemas dos seus empregados e damos graças a Deus. A Orgânica deu-nos 300 kilos de adubo pró nosso pomar. Bem hajam que as nossas laranjeiras estão negras de viço. A S. A. D. O. P., um saco de farinha por mês. E' uma contribuição mensal que muito nos estimula.

Os senhores da Herdade de Palma têm-nos dado todos os anos seis mil e este ano também. Com ameaças «que não ponha no jornal» 200. Do Círculo Sueco Luso Brasileiro de Estocolmo vamos receber dois caixotes de roupas por intermédio dum amigo nosso, Setubalense.

A Caridade não tem fronteiras. Sabemos que a Suécia é um dos países de nível material mais elevado da Europa. Que se lhes leve também o nível moral, fazendo sentir aos suecos os problemas graves em que se debatem tantos dos seus irmãos homens.

Aqui, Lisboa

exige e ajuda consoante. E todo o nosso esforço aqui em casa é habituá-los. Para formação de um homem, seja ele de que condição fôr, creio não haver hábito mais nobre.

Mas se é este todo o nosso empenho, daqui derivam as maiores dificuldades, como será de esperar de massa tão desajeitada e de recursos tão escassos. As dificuldades materiais seriam um nó cego como o são para muitas famílias aí fora, que não podem dar futuro aos filhos. Ora nós aqui podemos. Ou pelo menos temos de poder. E este, **temos**, é uma confiança absoluta em Deus. Na Providência que veste os lírios do campo e cuida dos animais da terra e aves do céu. O **temos** indica posse, uma posse adequada à nossa capacidade de realizar em colaboração com Deus. E quando se trabalha com Deus a favor dos outros, os obstáculos são nadas.

Tribuna de Coimbra

Não posso deixar de dizer uma palavrinha sobre a nossa festa no Teatro Avenida de Coimbra. Foi muito além do que esperávamos e muito mais do que os nossos amigos contavam. Foram tão cheias e tão vivas aquelas três horas, que ninguém deu pelo correr do tempo.

Tudo e todos concorreram para o bom êxito. A começar pelos empresários e pessoal do Teatro, que foram duma generosidade e carinho completos, até a todas as portas onde tivemos de ir bater, todos foram de braços abertos. Ao lado de novecentos dos nossos melhores amigos não faltou também a presença tão consoladora dos nossos Bispos.

Materialmente, o resultado também foi além: chegou quase a vinte e dois contos, não contando os objectos em ouro e o fogão a gazcidla que foi sorteado ao intervalo.

Agora vamos ao resto do Natal e às amêndoas da Páscoa: 250\$ numa casa de Saúde; cinquenta, mais cinquenta, mais quarenta, de vencimento, a um vendedor; 1.200\$ para vários fins; embrulhos vários do Sanatório de Celas; cem a um vendedor; 20 num escritório; medicamentos e fruta e mimos por várias vezes; cem na rua, por alma do marido; 150 e dois embrulhos levados ao Lar, de «**uns amigos sinceros da Obra**»; 500 para os Pobres, deixados no Lar; 200 aos nossos rapazes nas Carmelitas, cem da Corujeira.

Cinquenta levados ao Lar, vinte na Sé Nova; cem à porta de Santa Cruz; quinhentos de quem, com mãos novas calejadas e fato de ganga, me chamou; mil para os Pobres de alguém que não pôde ir à inauguração; 240 do Grémio de Panificação; cinquenta a um dos nossos; 150 no Lar; 50 na rua; cem na minha mão; o mesmo de quem não tinha mais; 120 em carta; quinhentos do Governo Civil; cem num gabinete; cinquenta, **primeiro dinheiro ganho por uma máquina**. Tudo aquilo que nos chega vem quente de amor, e

Nós queremos comprar uma máquina para a Tipografia que custa duzentos e vinte e quatro contos. E eu tenho a certeza que quando tiver a decisão da compra, o dinheiro não será obstáculo, sabendo todos muito bem das dificuldades que Lisboa nos tem deixado viver: meses e meses sem receber que chegue para um dia. Mas cedo ou tarde o dinheiro aparece. Sempre antes que se esboce alguma impaciência ou desânimo, que isso seria ofensa a Deus, que é o Nosso Senhor e Pai, e como tal tem à Sua guarda esta Casa.

Pois bem, creio que enquanto for esta a norma para as Casas do Gaiato, o trabalho a educar e Deus, e somente Deus, a assistir estamos no bom caminho. Que Ele nos conserve.

Padre Horácio

geralmente de sacrifício e renúncia, mas há ocasiões que escalda.

Quinhentos da Auto-Industrial; 400 das grandes **amiguinhas Maria Helena e Maria Isabel**; dois pulovers; vários embrulhos de mercearia levados ao Lar; cem de **uma pecaadora**. Dois alqueires de trigo e quinhentos escudos de vizinho sempre cheio de atenções; 500 de casal vizinho; um par de peúgas da Lousã para cada um de nós; cem de visitantes de Peniche; cem de um meu conterrâneo; peúgas de Castelo Branco; 10+10 ao vendedor de Tomar; uma garrafa de vinho do Porto ao mesmo, da mesma terra; uma saquinha com 166\$ dum colégio de meninas, ainda em Tomar; 150 em Anadia; uma libra do **primeiro emigrante lousanense na África do Sul**. Bom exemplo a todos os que andam longe de nós a ganhar a vida.

O Património dos Pobres também não tem sido esquecido: um grupo de **Casais Novos** com a primeira prestação de 600. Deus os ajude a não desfalecer; muitos **aí vai** para a Casa do Clero; mais todos os vidros necessários da Empreza da Fontela; manilhas, placas e tudo o que se tem ido buscar a uma fábrica de Coimbra; louças pra todas as casas de quem tanto tem dado, sem se cansar; cem de Engenheiro amigo; 5.500\$ e mais 500 de empregados bancários; 25 na Secretaria do Bispado; 50 deixados na Gráfica; 500\$ para o recheio da casa de Santa Isabel e Santa Lúcia; três cobertores; 18 crucifixos; uma máquina a petróleo; embrulhos do Porto; embalagem de Lisboa; cem de Oliveira de Azeméis; muitas migalhas na inauguração; muitos centos para mobílias e roupas; 315 do Colégio de Santa Maria; 285 num envelope no Teatro Avenida; Transportes; cinco contos levados ao Lar por pessoa a pedir misericórdia de Deus. Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.

Padre Horácio

Facetas

num livreiro encontra o que precisa. A parte principal da história do cristianismo é o Evangelho, que vem a ser a relação dos factos sucedidos durante a vida de Jesus Cristo relatados por 4 homens, os 4 Evangelistas. Estes 4 homens escreveram, usando cada um seu estilo e língua próprias, em diversos tempos e lugares e no entanto todos dão a mesma feição aos factos que narram. Noto muito esta peculiaridade do caso porque como sabe, os historiadores, ainda os mais escrupulosos, às vezes divergem. A autenticidade do Evangelho e 4 Evangelistas tem sido talvez a obra mais discutida em todos os tempos e por isso mesmo também a mais justificada. Se comprar os 4 Evangelhos compre obra grande, séria e bem anotada em livraria muito idónea.

Com esta ligeira explicação, sabe que o cristianismo veio com Jesus nos primeiros anos dos Césares de Roma, dominando já estes em Jerusalém, tendo Ele nascido ali depois de ter incarnado no útero de uma Mulher Virgem. Aqui topamos já com um dogma da Igreja, a Incarnação, que v. muito naturalmente repudia porque o não entende. Mas note que a Ciência regista fenómenos naturais da fecundação animal e vegetal que também não compreende; a duração das gestações conforme as espécies, as diversidades do sexo dos indivíduos em igualdade de circunstâncias e de semente, tudo isto são coisas vedadas à ciência. E que dizer do sono que ninguém explica, da electricidade que ninguém sabe o que é, etc. etc.? Ora tudo isto são mistérios de ordem natural e se a razão humana os não sabe decifrar, porque nos não havemos de curvar aos mistérios de ordem sobrenatural?

Continuando pois a falar dentro dos limites duma dócil e justa razão, temos que Jesus feito homem, prégava ao povo da Judeia durante os últimos 3 anos da sua vida pública acompanhado de 12 indivíduos a que chamava seus discípulos, rústicos e pobres. Estes, os 12 apóstolos, ignorantes que eram ainda em vida do Mestre, após a sua morte receberam o Espírito Santo e com Ele sabedoria, com a qual saíram a transmitir ao mundo a sua palavra, conforme em vida lhes havia recomendado. A vida pública dos 12 apóstolos é tão histórica como a de outros grandes homens célebres desse tempo. Há documentos e monumentos. Não se trata de mistérios. Pedro e Paulo vieram para o ocidente. Os dois implantadores do cristianismo em Roma entram modestos e humildes na capital do maior império do mundo.

(continua no próximo número)

A * G * O * R * A

Já tinha saudades desta coluna. Não sei como isto tem sido, mas com Festas, Relatório e não sei que mais, a *procissão* não tem podido sair. Como a maioria dos devotos dela são caras conhecidas, hoje a alegria dos encontros multiplica-se para quase todos, tantas vezes quantas as presenças de cada um.

Surgem a abri-la os *ocasionais*. Logo a primeira é de respeito. Chama-se «Uma sem importância». Nos livros dos Profetas aparecem algumas vezes nomes bizarros cuja significação é profunda. Que admira pois que uma Procissão de Caridade também revele deles?!

Vem, depois, o assinante 27023 «com uma pedra», e uma Mãe de Lourenço Marques com 200 «para ajudar à mobília» de uma das casas da Adémia, e uma senhora inglesa com metade e outro nome de Livro Santo: «Humilde desconhecida» com 500 e outrotanto pró Calvário, «retirados do trabalho árduo de cada dia».

Alto lá! É um *ocasional* de todos os anos, desde que Pai Américo voltou a África e de lá trouxe a *Casa de Inharrim*. São 1.500\$ da população, «destinados à Pobre daquela casa».

Logo a seguir um «Amigo obrigado e admirador» que apõe ilegível o seu nome. É de Lisboa. Agora é do Porto: «Impossibilidade de ir à festa do Coliseu por doença, aí vai a importância dos bilhetes para o Património». Que seria se lá tivesse ido!...

Mil com esta legenda:

«A importância junta, é para o fim que entenderem, pois tudo o que fazem me agrada e me faz bem.

Ofereço-a por alma de meu Pai, e duns parentes que nos deixaram grande parte dos seus bens.

Espero voltar».

Passa Viseu com 100, Lisboa com metade «em louvor de São António» e 11 contos nos Clérigos de uma anónima. Mais 501\$40, dos alunos do Liceu D. Manuel II.

Já dobra a esquina, outro grupo, muito simpático, logo seguido de outro não menos, e ambos de gente de trabalho.

No primeiro temos o Pessoal do Grémio de Panificação do Porto, por três vezes: 182\$50, 190\$ e 195\$; e outras tantas o Pessoal da HICA: 2.655\$70 de Fevereiro, 1.964\$ de Março e 2.188\$30 de Abril.

O segundo destes grupos é dos vários que contribuem para uma determinada casa. Assim: a dos *Professores Primários*, recebeu 20\$ da Emília, da cidade da Horta, mais outrotanto de Olho Marinho, mais 500\$00 de Tábua — Ilha da Madeira e 50\$ do Alandroal. A *Casa Rai-*

nha das Virgens recebeu duas pedras de 50\$ e 20\$, ambas de N., «fazendo votos para que as nossas raparigas despertem e correspondam generosamente de modo a termos, brevemente, mais uma família abrigada decentemente». Ora façam favor de ouvir as dorminhocas.

Finalmente outra que abre com 100\$ a lista para a casa dos *Pereiras* e convida os do mesmo apelido (são tantos e alguns tão ricos!) para juntarem forças e construir uma casa em honra de Nuno Alvares, cujo centenário este ano se comemora.

Vêm agora os das casas por inteiro. À frente *Alfacinha* com 15 contos para a *Casa das três Marias*, fruto de uma partilha de 50 deles por outras actividades da *Obra da Rua*. Após, «Um paroquiano de Campanhã», com a dúzia respectiva e o desejo de que fosse erguida na sua paróquia, «a ver se o exemplo pega». Saiba este senhor que por lá houve rumores de começo, rumores que esmoreceram! Deve ser a dificuldade do terreno.

De B. A. C., outros 15, para a *Casa de S. João de Brito*. E outra dúzia, entregues no Lar, por alguém que já lá levou muitas dúzias, e eu muito gostava de encontrar um dia em flagrante. Aí vai a legenda que a acompanhava:

«É agradecendo a DEUS de todo o coração que junto envio mais uma para o *Rosário de Casas*, com que gostaria muito de contribuir para o Património dos Pobres.

Como nos anos anteriores, a Casa será construída onde mais se sinta a sua falta a bem dos Pobres».

E agora é a avalanche: *os das prestações mensais*. É o E.D.M. e os dos 20\$ poupados ao tabaco em cada mês e a Alda do Ribatejo e uma Senhora espanhola de Moçamedes e a Helena e o «do plano decenal» e o A.J.F. com o pedido de avisarmos se a importância faltar depois do dia 10 de cada mês.

O nosso correspondente de Miranda do Douro não tem falhado com o seu vale de 250\$, mas agora não tem escrito e é natural que algum passe sem darmos por isso. Além disso faltam-nos as suas cartas que tão bem nos faziam. Protesto, pois. Esta não é da Procissão do silêncio. Quem se incorpora tem de cantar.

A *Casa dos Grilos*, não apreciava há vários meses, já. Pois aí está ela com a 3.^a demão de 500\$.

A *Casa À nossa Filha* terminou. O que não terminou foi o gosto daqueles Pais. E então aí estão eles com 2 mil a principiar a 3.^a casa. Felizes! Há quanto tempo eu ando morto por os conhecer. Mal vá a Lisboa com tempo, que não hei-de falhar!

Agora é a 4.^a prestação de

500\$, por alma de meus pais: António e Felismina.

A *Casa de S. Francisco Xavier* fica em 1.500\$ e a *Casa Ana e João* levou um pedregulho de 1.100\$ em Janeiro, Fevereiro e Março. Um nadinha menos, mil, para a *Casa do Ti Joaquim*. Maria Luisa «perfaz a quantia de 4.500\$» e pede «que implore de Deus me dê mais fé e mais paciência». A «Casa da Avó Ema» fica na 28.^a prestação. A neta, ao mandar a 26.^a e 27.^a, acrescenta: «Aguardo com ansiedade a festa do Império». Hoje desabafa: «Estive no Império! É difícil exprimir tudo o que senti. Gostei. Senti-me alegre naqueles momentos de convívio. Obrigado por terdes vindo».

Mais uma *Casa de S. José* a principiar: 6.000\$. O assinante 6.790, fica na 43.^a prestação, se as minhas contas dão certo.

O *Casal Maria José* continua com mais 500\$. E aí vai logo a seguir outro casal: *Feliz Casal de noivos* se intitulam e andam a subir a *Casa de Santo António*. Vieram por aqui há muito poucos dias e deixaram este bilhete: «Na nossa viagem de lua de mel não podíamos deixar de vir à Casa do Gaiato». Ó simpatia! Deus os abençoe.

Duas mães se juntaram ao pé uma da outra: A primeira, «amargurada» aparece com dois tejoles para a *Casa Ao meu Senhor pelo meu Filho*. A segunda é a «Mãe que crê em Deus» que me pergunta se vale a pena empreender a *Obra* com o pouquinho que pode mandar. Em resposta eu lanço aqui e abençoo a primeira pedra da casa *Fé em Deus*.

Para a *Casa dos Nossos Avós* mais 800\$ e três vezes 100 do «casal-assinante n.º 28.562».

A *Casa Nascimento* vai caminhando mês após mês, até ao fim do 3.º Mistério do Rosário. «Maria e Manuel» ficam nos 1.600\$. E a *Casa do António e do Fernando* em 5.200\$.

Agora uma pequenina para-gem a desfazer uma confusão:

«Os mil escudos é para pagamento de uma promessa que fiz há já bastante tempo e terei de pagar aos poucos e poucos. Prometi quando o meu filho entrou para a Universidade, de dar 9.000\$ para pagamento de uma casa para os pobres, que era em quanto importavam nessa ocasião, se ele terminasse o curso. Como ele este ano já se formou vou começar agora a pagar a dita promessa».

Ora tudo muito certo menos o título de uma casa que foi desde o princípio a dúzia deles.

A 2.^a prestação de 100 não sei de quem. Cinco vezes mais, para a 2.^a prestação do *Lar da Graça*.

A última de 4.000\$, «para a casa para que comecei a contribuir no dia em que fiz 36 anos de casado. À casa que fôr construída pode, se quiser, dar-lhe o nome de *Barroca*, em homenagem à aldeia em que nas-

ceu minha Mãe e onde tenho casa».

A *Casa do meu aniversário—Porta do Céu*, começa com 755\$20, produto de um mês de trabalho. E a alma boa que a iniciou espera a compreensão de todos, pois todas as pessoas têm o seu aniversário, «que em Caridade podem festejar condignamente».

A *Casa de Minha Mãe* atinge a dúzia no aniversário da morte dela. Mas quem a empreendeu não a dá por terminada, «pois eu sei que não chega».

Ainda bem que é assim para mais vezes nos encontrarmos na Procissão e podermos trocar impressões gostosas como esta:

«Tanta coisa que para mim era indiferente e desconhecida e agora tem tanto valor e tanta outra que o perdeu. Agora é que

eu queria falar com o Pai Américo e tantas vezes estive perto dele e distante. Como que assisti ao nascer da nossa aldeia mas hoje estou mais perto de vós de que então. Dou graças a Deus por esta aproximação. Bendito seja o Senhor que teve compaixão de mim.

Rogai por mim ao Senhor, eu preciso tanto Dele. Que o Senhor santifique as nossas vidas, as ilumine e faça com que vejamos arrependidos os nossos erros. Chorem as nossas culpas e com a Sua Ajuda possamos seguir no caminho da perfeição, para nos encontrarmos cada dia mais perto Dele.

Envio um abraço amigo para o Ernesto que nos tem feito chorar. Pobre pai o dele!

Para todos um pensamento amigo e que Deus vos guarde sempre ao Seu Serviço».

B E L É M

Há tempos estava eu a atender umas visitas quando me aparece a Isabel — nove anitos bem empregados — e se sai com esta:

—Minha mãe, já podemos ir deitar os pintainhos?

Eu fiquei a olhar, muito convencida de que não tinha ouvido bem, tanto que lhe fiz repetir a pergunta.

—Deitar pintainhos?! Essa agora! Se eu nem de galinha choca ouvi falar, quanto mais de pintos!

E a Isabel esclareceu:

—Eu pergunto se as meninas pequeninas já podem ir dormir a sesta?

Ora esta ideia que a Isabel teve de estender a designação de «pintainhos» às três mais pequeninas, ainda em idade pré-escolar e que fazem vida diferente das outras, foi bem aceite por toda a gente, porque veio simplificar as coisas. Além do «Pintainho» com letra maiúscula, temos a Ne'linha, de 5 anos e a Laidita, de 6, mas que dá mais trabalho do que as outras duas, porque lhe tem sido difícil adquirir hábitos de limpeza e deixar a vida airada, pela quinta.

Agora, é a Ermelinda que está a fazer as migas de leite «para os pintainhos». «São os pintainhos» que fazem das suas, no recreio. E' a Fátima que foi vestir os pintainhos. E a mãe que não pode atender, porque «está a dar banho aos pintainhos». «São os pintainhos» que, enfim, dão que fazer e contar a toda a gente.

Por isso, eu espero ter aqui mais que dizer dos «pintainhos», brevemente!

Mas hoje, vamos à lista das presenças à *Obra*, que muitos não me perdoam o ficar sem saber se recebemos ou não!

De Paço de Sousa vieram vales de 510 e 700 escudos, soma dos donativos ali recebidos com destino a Belém. Mais outro de 500, de Amiga, de Aveiro. Dois de 50 de anónimo e Maria Amélia, ambos de Lisboa. Ainda outro de 45, de Gina Maria, de Lisboa. Do Casal M. D., de

Viseu, nota de 50, quando fez 37 anos que foi o pedido de casamento. Por operação delicada feita com êxito, 100 em acção de graças, de Lisboa. 20 de Mariana, de Beja. Outro tanto do Porto, pedindo uma prece pela conversão dos Pais. Mais 20 «duma humilde Maria dos Sacrários Calvários», de Lamego. Cândida Maria, de Lisboa, envia 50 para as amêndoas, com desejos de Páscoa abençoada. As habituais cartas anónimas, de Lisboa, com 50 mais 40, pedindo desculpa do atraso! De Vila Fernando, Guarda, 20 para as amêndoas. Como contribuição de Abril, 50 de Maria Cecília e seu Marido, da Guarda. Para ajuda das amêndoas da Páscoa, 50 do assinante 9060, de Lisboa. Outro tanto duma Amiga da primeira hora, de Lisboa. De Dinah, «para as nossas filhas», 50. De Vila Moreira, 100 mais 100. «Com todo o meu carinho pelas Belenitas», 50 mais 50, de M. E. Porto. E aí volta Rosarinho com três de vinte para as amêndoas, pedindo orações por uma intenção particular. 100 duma Vicentina de Gavião. De duas Marias de Besteiros, laranjas e ovos. Novelos de lã da Senhora de Viseu. Batatas e outros géneros da Quinta da Cruz de Viseu. Bolos de azeite regionais das alunas da escola feminina de Lamas, Satão, que tiveram como recoveira a sua Professora, amiga da primeira hora. Bolo de foliar duma amiga de Viseu. Amêndoas até fartar de Casal Amigo de Viseu. Bolos e farinha e ovos para fazer mais da Avózinha das Belenitas, como, elas lhe chamam. De anónimos de Viseu 100 mais 50. Por intermédio de Sérgio Figueira, da Casa Pinto, 190. De visitas da Guarda, 90. Contribuição mensal de 20, da Farmácia Confiança, desde Janeiro. Roupas de criança de Oliveira. Um par de sapatos de um «zero». Bem hajam.

Inês — Belém — Viseu

